

Educação e identidade: formação, oralidade e memória

Pedro Benjamim Garcia e Maurício Castanheira (organizadores)

Prefácio

Esta coletânea, que tem, como eixo temático, Educação e identidade e sua relação com a oralidade, a memória e a formação, foi concebida a partir de dois conjuntos de textos. O primeiro deles foi estruturado tendo em vista as pesquisas que os professores do Mestrado da Educação, da Universidade Católica de Petrópolis, realizam. Estas pesquisas têm a *identidade* como núcleo comum. O segundo faz parte de artigos escritos para uma das séries do programa *Salto para o Futuro*, denominada *Educação: oralidade, memória e formação*, coordenada por Pedro Benjamim Garcia.

Não consideramos incongruente colocar lado a lado, em um livro, estes dois conjuntos de textos, tendo em vista que educação, identidade, formação, oralidade e memória são indissociáveis, sendo difícil precisar uma fronteira entre termos que se encontram envoltos em ambigüidades teóricas. Para dar um exemplo. O que significa falar em identidade em um mundo globalizado em que culturas se interpenetram? Por outro lado não é esta mesma globalização que produz a força da particularidade, o desejo de se diferenciar?

A seguir faremos uma breve apresentação dos termos desta coletânea.

Educação

Nos textos que compõem este livro pretendemos abrir um leque de opções que nos façam repensar a educação formal e não-formal. Esta a razão da sua abrangência temática: escola, rodas de leitura, educação indígena, o significado da civilização africana no Brasil, a leitura de imagens, etc.

Em relação à escola, constatamos que ela está constantemente posta em questão. Em 2003 foi editado um livro de entrevista, com vários educadores, com o título: "A escola tem futuro?". (1) A pergunta permanece em aberto.

Já na década de 70 Ivan Illich defendia uma sociedade sem escolas (2) e Everett Reimer decretava: "a escola está morta". (3)

A escola não morreu, as teses de Illich não vingaram e a escola continua como sempre foi. Talvez aí esteja o problema: "como sempre foi", sem mudanças significativas. Quais transformações seriam necessárias para afirmar que a "escola tem futuro"?

Em relação à educação não-formal temos uma dispersão temática que vai da questão indígena aos afrodescendentes, passando pelo trabalho feminino invisível, pelo contexto da oralidade em contextos multiculturais, pela mídia, etc.

Identidade

Em relação à identidade, Kobena Mercer (v. nota)

Oralidade

Russel Means, liderança indígena americana, em uma entrevista, diz detestar escrever, afirmando que a escrita “resume o conceito europeu do pensamento legítimo: o que é escrito tem uma importância que é negada ao falado. A minha cultura, a cultura lakota, tem tradição oral e, portanto, eu usualmente rejeito escrever. Um dos meios de que se vale o mundo dos brancos para destruir as culturas dos povos não europeus é impor uma abstração à relação falada de um povo.

Por isso, o que você lê aqui não é o que escrevi. É o que eu disse e outra pessoa escreveu. Permito que assim seja porque me parece que a única via de comunicação com o mundo dos brancos são as folhas mortas e secas dos livros.” (4)

Esta rejeição a escrita está presente mesmo naquele que é considerado o pai da lingüística, Saussure, que em uma carta afirma : “ (...) estou na obrigação de confessar que tenho um horror doentio da caneta e que esta redação representa para mim um suplício inimaginável...” (5)

Apesar da rejeição, dificuldade, bloqueio, a escrita está por todos os lados e se impõe em uma sociedade grafocêntrica.

Oralidade e escrita sempre estiveram interrelacionadas, embora de forma diferenciada no tempo. Basta lembrar que, historicamente, a invenção da escrita é recente, datando de menos de 6.000 anos de um total de cerca de 50.000 que o ser humano habita o planeta. (6)

As invenções costumam levantar polêmicas. A escrita não é exceção. Platão, no Fedro (7), narra que o seu inventor, Theuth, foi anunciar a invenção da escrita ao rei Thamous, argumentando que com ela a memória e a sabedoria encontraram o seu remédio. Thamous não se deu por achado e retrucou que esta invenção tornaria os homens esquecidos, pois deixariam de exercer a memória. Quanto a sabedoria foi ainda mais taxativo, dizendo que os homens teriam apenas a aparência da verdade e, conseqüentemente, aparência de sábios.

Ao colocar a oralidade em contraposição à escrita estamos buscando reinstalar a voz do lugar onde foi, de certa forma, expulsa ou – conforme Paul Zumthor - abafada por uma “mentalidade escritural”. A voz, segundo este autor, entendida como expressão privilegiada da poesia, propiciará o retorno ao poder encantatório da palavra. Não em sua forma original, mítica, mas nos termos da modernidade. Segundo ele, “em nossos dias deslocam-se os lugares dessas vozes: séries radiofônicas, televisivas e, mais sutilmente, a onipresente revista em quadrinhos...” E aposta que esta voz que “*moderniza-se pouco a pouco* [...] atestará um dia, em plena *sociedade do ter*, a permanência de uma *sociedade do ser*”. (8)

Em uma linha de reflexão análoga, o historiador Georges Duby se pergunta: “Não caminharemos nós de novo para uma nova oralidade da literatura? As sociedades antigas que eu estudo não eram desprovidas daquilo que nós chamamos literatura. Mas a educação que nelas se ministrava era essencialmente oral, a recepção da obra fazia-se sobretudo pelo ouvido, acessoriamente pela vista. Acaso não são já veiculados pela canção, pelo teatro, pelo cinema, elementos muito importantes da nossa cultura? Não se desenvolve atualmente, sem que lhe prestemos verdadeiramente atenção, um imenso sistema de educação fundado sobre comunicações não escritas e que não são totalmente canalizadas por um ensino que está, pela sua própria extensão, enviscado de rotinas?” (9)

Um artigo publicado recentemente parece dar razão a Duby. Intitulado “A vez do audiolivro” (10), este texto trata de um “novo produto”, disponível em site, onde se pode ouvir livros, da mesma forma como se escuta música.

É importante ressaltar que não se trata de relegar a escrita em nome da oralidade, mas de associar uma a outra. Viñao Frago afirma – e concordamos com ele – que a oposição entre escrita e oralidade determina o empobrecimento de ambas. Argumenta que o “baixo nível de domínio e uso da leitura e escrita é conseqüência – não só, mas em boa parte – do não reconhecimento e estimulação da oralidade de não se assentar sobre ela a alfabetização, a linguagem escrita. Além disso, esta dissociação é causa da progressiva perda do ouvido, da escuta e, por isto, da riqueza, vivacidade e precisão da fala.” (11)

Em relação aos textos desta coletânea foi privilegiada a questão do significado da oralidade em uma sociedade complexa, visando desvelar as formas de aprendizagem que se perdem pela hegemonia de um conhecimento grafocêntrico, em que o olhar se sobrepõe à escuta.

Memória

Quando mencionamos, no item anterior, o diálogo entre o inventor da escrita e Thamous, vimos que este último argumentou que a invenção da escrita tornaria os homens esquecidos, pois deixariam de exercer a memória.

Este é um debate que continua. Segundo um autor ceilonês, Coomaraswamy, do “ponto de vista hindu podemos dizer que uma pessoa conhece somente o que ela memoriza; se ela é capaz de lembrar alguma coisa somente através do uso de um livro, ela somente tem um conhecimento superficial daquele tópico”. (12)

Nesta mesma linha de argumento, Walter Ong menciona os que “temem que as calculadoras de bolso forneçam um recurso externo para o que deveria ser o recurso interno de tabuadas memorizadas”. (13) Sem exercício as mentes se tornariam mais frágeis.

Argumento que se contrapõe a um processo irreversível: temos uma ampliação, cada vez maior, de armazenamento de dados através da informática. A memória eletrônica, que se distingue da humana pela sua estabilidade e pelo armazenamento ilimitado de dados, se torna cada vez mais complexa e sofisticada. Ainda é cedo para saber o que pode resultar desta revolução tecnológica. De um lado temos informações que não podemos processar e que pode nos levar a uma extrema dispersão, de outro, uma biblioteca virtual que nos possibilita obter o que desejamos – de forma seletiva - a qualquer momento.

Por último, cabe mencionar a memória afetiva, que busca fixar, através de fotos, de vídeos, de textos, de diários e de cartas, identidades fugidias.

Formação

Formação - de que se trata? In-formação, de-formação, con-formação, trans-formação. É a transformação que buscamos, principalmente na área da Educação, em que trabalhamos com valores; mas a informação, o conformismo e a deformação não estão ausentes, em que pese a subjetividade para caracterizar cada um destes aspectos no processo educativo.

Pensar a oralidade, a escrita e a arte no processo de formação é buscar o que trans-forma o sujeito neste processo educativo. Processo que molda o sujeito em uma identidade que não é estática nem definitiva.

Jorge Larrosa privilegia a questão da experiência no processo de formação. Vivemos um tempo em que o conhecimento se dá apartado do sujeito que conhece. Ligar sujeito e conhecimento através da experiência é o que – para Larrosa – caracteriza a formação. *A experiência, no caso, é o que nos marca.* Podemos saber muito sem que isto nos toque, sem que este saber interfira em nossa existência. Basta que este conhecimento seja “exterior” a nós mesmos. (14)

Para que a experiência ocorra é necessário ter a capacidade de escutar, dialogar e negociar significados. É todo um aprendizado possível de ser realizado, por exemplo, através de rodas de leitura, que privilegia a *escuta*, o *diálogo* e a *negociação* de significados.

Escuta porque tenho que ouvir o que o outro (ou os outros) têm a dizer; *diálogo* porque, reagindo a esta fala, coloco minha opinião sobre o que está sendo debatido; *negociação* de sentido porque nem sempre há consenso acerca dos temas que estão sendo tratados, podendo-se chegar a um denominador comum – em alguns casos por mútuas concessões - ou a manutenção da divergência (cada um mantendo o seu ponto de vista, antagônico ao do outro ou outros).

A arte, em suas múltiplas manifestações, também nos oferece um amplo campo de reflexão para a formação do ser humano. Fayga Ostrower afirma que a criatividade é “inerente à própria condição humana. Assim, longe de constituírem qualidades excepcionais ou talvez anormais, a criatividade e os múltiplos atos da criação que dela resultam devem ser entendidos como estados e comportamentos *naturais* da humanidade. Naturais no sentido de serem

próprios do homem. O homem é um ser criador, naturalmente, espontaneamente, e não excepcionalmente.” (15)

A seguir, uma breve apresentação dos artigos dá uma panorâmica dos textos desta coletânea

Pedro Benjamim Garcia, em *Rodas de leitura e formação do leitor* parte do pressuposto de Ítalo Calvino para quem a leitura é o meio de aprendizagem e de comunicação mais significativo do que qualquer outro. Isto porque a leitura abre o mundo interior do leitor contribuindo para a sua formação e, conseqüentemente, delineando a sua identidade. Neste texto o autor narra algumas de suas experiências de rodas de leitura como formação do leitor.

Currículo, identidade e diferença: Embates na escola e na formação docente, de Antonio Flávio Barbosa Moreira, Ana Paula Arbache e Merise dos Santos Carvalho, discute a questão da identidade e da diferença, do multiculturalismo e da diversidade cultural, procurando compreender se e como tais conceitos têm sido considerados em escolas públicas de ensino fundamental e na formação de professores em nível superior. Procura ainda verificar se e como as idéias pedagógicas norteadoras do tratamento dessas questões sugerem normas e valores com base nas quais crianças e grupos minoritários possam, paradoxalmente, vir a ser diferenciadas, separadas, desqualificadas para a participação.

A docência como base da identidade profissional dos educadores: o debate num curso de mestrado em educação, de Sonia Maria de Vargas e Ligia Maria Leão de Aquino, apresenta uma reflexão sobre a formação dos profissionais da educação em uma disciplina do curso de Mestrado da Universidade Católica de Petrópolis. Os alunos desta disciplina, oriundos das mais diversas áreas de formação de base – médica, fisioterapia, nutrição, matemática, administração, história – atuam no campo da Educação em vários níveis e modalidades de ensino.

Stela C. D. Segenreich, em *Avaliação interna e identidade institucional da Universidade: processo de legitimação ou construção de um projeto?* descreve a avaliação do Sistema da Educação Superior sob a égide do Programa SINAES. Com base nas colocações de Castells, de que pode haver identidade múltiplas, procura detectar, na trajetória histórica de uma universidade, exemplos ilustrativos de construção da identidade institucional de uma IES.

Tradição e enigma: educação e cultura popular, de Carla de Melo Inerelli e Rosa Helena Mendonça enfatiza o significado da memória dos mestres da cultura popular partindo do pressuposto de Hannah Arendt para quem o ofício do educador é “servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que a própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado.” Partindo de depoimentos dos mestres e utilizando as noções de tempo, espaço, rituais, tradição, oralidade e memória, as autoras apontam para o universo escolar que pouco se utiliza desta cultura tão próxima e tão distante da instituição escola.

Mariana Florentino que foi bolsista de Iniciação Científica de Pedro Benjamim Garcia, escreveu *Roda de Leitura com crianças* e trabalhou em uma favela do Rio de Janeiro. Para a autora, a literatura infantil exerce um papel de extrema importância no processo de desenvolvimento cognitivo da criança em fase pré-escolar. Parte de Piaget, para quem “quanto mais a criança vê e ouve, tanto mais deseja ver e ouvir. Quanto maior for o desenvolvimento perceptivo, afetivo, social e comunicativo, tanto maior será, também o desenvolvimento da sua inteligência”.

No tempo em que os seres humanos falavam com as árvores..., de Narcimária Correia do Patrocínio Luz, aborda o universo mítico-simbólico que caracteriza o discurso e as linguagens de elaboração de matriz africana. Segundo a autora, para quem educar é repor os valores e os princípios herdados e reelaborados pelo legado ancestral, as “árvores carregam o princípio de ancestralidade e representam, portanto, os ancestrais e são elas que estabelecem a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza.”

Para Marco Aurélio Luz, autor de *O significado de oralidade em contextos pluriculturais*, a “tradição sagrada dos afro-brasileiros, não é a relação olho-cérebro hiperdimensionada que organiza os sentidos, mas a tatalidade, isto é, a combinação de todos os sentidos que concorrem na transmissão e compreensão das mensagens.” Disto decorre que os códigos e os repertórios “se entrelaçam para expressar a visão de mundo, a cosmogonia e variados prismas do saber que visam aplacar a angústia existencial proporcionando o enfrentamento dos desafios do desconhecido”. Nesta concepção de mundo o significado da formação e da identidade do sujeito toma contornos específicos que não são levados em conta pela “escola oficial”.

O significado da oralidade em uma sociedade multicultural, de Maria Elisa Ladeira, questiona as propostas educacionais relativas à aquisição da escrita pelos povos indígenas, que acaba em um impasse teórico que trata os “os povos indígenas apenas e tão somente ou como *povos ágrafos* ou como *cidadãos analfabetos*”. Para escapar desta perspectiva etnocêntrica a autora propõe focar as possibilidades de futuro dos povos indígenas “a partir das estratégias políticas (e lingüísticas) desenvolvidas por eles, na qual o dilema da escrita, imposto por nós, se refaz pelo uso e sentido que dão a ela em função de uma redefinição de noção de fronteira”.

Para Breno Kuperman, *A Imagem*, título do seu artigo, atua “na formação das identidades pessoais e nacionais e são responsáveis pela circulação de elementos imaginários profundos das culturas locais, embora sejam construídos industrialmente.” Para o autor vivemos “uma época de muitas transformações e, sem dúvida, estamos apenas no início. Caminhamos para novas formas de entendimento, em que combinações entre informações sensoriais e intelectuais propiciarão o aparecimento de novas linguagens, cada vez mais impregnadas de imagens, sons, músicas.” E termina o seu texto perguntando qual o papel da escola neste contexto cultural em contínua transformação.

Maurício Castanheira, em *A noção de identidade, a definição de representação e o conceito de papel social: a busca de relações a partir da idéia de loucura*, procura resgatar o conceito de identidade em sua relação com a idéia de representação. Este texto foi originalmente elaborado como resultado de uma pesquisa empreendida em uma instituição psiquiátrica que abrigava pacientes crônicos na década de 80 no Rio de Janeiro. É atual na medida em que relaciona o Interacionismo de Erving Goffman, a Teoria dos Papéis de Deutsh e Krauss e o debate acerca da definição contemporânea de identidade.

Mulheres e identidade: trabalho feminino invisível, de Sonia Maria de Vargas e Sheila Rotenberg enfoca o trabalho invisível e as estratégias desenvolvidas pelas mães de crianças desnutridas que buscam garantir melhores condições de saúde e vida para estas crianças e suas famílias.

No fundo, termos como educação, identidade e formação têm força porque são preenchidos pela experiência pessoal sentida pela memória e coração de cada pessoa. Pascal diria: razões do coração que a inteligência não entende. Eis aí, em resumo, não a chave, mas o mistério de termos tão genéricos quanto envolventes.

NOTAS

1. Costa, Marisa Vorraber (org.) – **A escola tem futuro?**, DP&A Editora, RJ, 2003.
2. Ilich, Ivan – **Sociedade sem escolas**, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.
3. Reimer, Everett – **A escola está morta**, Francisco Alves Editora, RJ, 1974.
4. Means, R. – Marxismo e as tradições indígenas, in **Religião e Sociedade**, ISER, RJ, 1981, pág. 49.
5. Gnerre, Maurizio – **Linguagem, escrita e poder**, Martins Fontes, São Paulo, 4ª. edição, 2003, pág. 69.
6. Ong, Walter – **Oralidade e cultura escrita**, Papyrus Editora, Campinas, SP, 1998, pág. 99.
7. Platão – **Diálogos (Menon, Banquete, Fedro)**, Editora Livraria do Globo, Porto Alegre, 1954, págs. 256/7.
8. Zumthor, Paul – **A letra e a voz**, Companhia das Letras, SP, 1993, pág.

9. Duby, Georges e outros – **Escrever... Para que? Para quem?**, Edições 70, Lisboa, Portugal, 1975, pág. 79.
10. Marinho, Antônio – A vez do audiolivro, **Revista O Globo**, RJ, 30.10.2005.
11. Frago, Antonio Viñao – **Alfabetização na sociedade e na História**, Artes Médicas, Porto Alegre, 1993, pág. 21.
12. Gnerre, Maurizio – **Linguagem, escrita e poder**, Martins Fontes, São Paulo, 4ª. edição, 2003, pág. 50.
13. Ong, Walter – **Oralidade e cultura escrita**, Papirus Editora, Campinas, SP, 1998, pág. 94.
14. Larrosa, Jorge - Literatura, experiência e formação, in Costa, Marisa Vorraber (org.) – **Caminhos investigativos (novos olhares na pesquisa em Educação)**, DP&A Editora, RJ, 2002, pág.
15. Ostrower, Fayga, in Garcia, Pedro e Faria, Hamilton, Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário, **O reencantamento do mundo**. Revista Pólis, 41, SP, 2001.

O que falta

- v. título Mariana Florentino (rever texto)
- v. e homogeneizar os currículos (cinco linhas) /// não repetir **é** nos currículos
- sugerir uma leitura coletiva antes da publicação
- v. tópico Identidade – págs. 12 e 13 do projeto
- título: identidade minúscula
- avisar Marco da foto não colorida
- v. texto a ser enviado aos autores TVE